



VOZ DA FÁTIMA

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Proprietária «Gráfica de Leiria»
Administrador: Cónego Carlos de Azevedo — Santuário da Fátima
Composto e impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Telefone 2336 — LEIRIA

ANO XXXIII — N.º 391
13 de ABRIL de 1955

Avença

Consagração da Colômbia à Santíssima Virgem

O Presidente da República, Sr. Gustavo Rojas Pinillas, consagrou oficialmente a Colômbia a Nossa Senhora, no encerramento do 3.º Congresso Mariano Nacional, no estádio de Campin.

Presidiu o Em. Cardeal Legado, Crisanto Luque, Arcebispo de Bogotá e Primaz da Colômbia.

A Padroeira da Nação, Nossa Senhora de Chiquinquirá, recebeu as insígnias da Ordem de Boyacá, no grau de Grã-Cruz Extraordinária, que Lhe foram impostas pelo próprio Presidente da República.

Implorou a protecção divina para governantes e governados, oferecendo a Deus o esquecimento das injúrias e das calúnias e o perdão dos inimigos. Dirigindo-se à Padroeira, pediu-Lhe que afaste do solo colombiano o perigo do comunismo, o qual ameaça as crenças e corrompe a nacionalidade.

«Extingui, Senhora, os ódios fratricidas e conservai firme a união entre as autoridades religiosas e civis, para bem de todos, porque todos somos filhos da Igreja», disse.

Acontecimentos principais do Congresso, celebrado de 5 a 8 de Dezembro, foram também a bênção do monumento nacional a Nossa Senhora da Fátima, erguido nas montanhas perto de Bogotá; uma procissão de velas formada só de homens; e a Missa da meia-noite celebrada no Campo Mariano.

AS CERIMÓNIAS DO DIA 13 DE MARÇO

PEREGRINAÇÃO MENSAL

O dia 13 de Março amanhecera chuvoso, depois de uma noite excepcionalmente fria. Não obstante, na véspera tinha-se notado movimento de peregrinos, que chegavam e cumpriam promessas de joelhos em volta da Capelinha ou rezavam fervorosamente no local bendito.

Por cair num domingo este dia 13, logo de madrugada se celebrou a Santa Missa com notável concurso de fiéis. E, além das Missas dominicais que habitualmente se celebram no Santuário, outras houve nos altares da Basílica e na Capela das Aparições, no decorrer de toda a manhã, tendo-se abeirado da Sagrada Mesa centenas de fiéis. Os Párocos das freguesias limítrofes não puderam comparecer, como geralmente fazem, porque as actividades do tempo da Quaresma exigem a sua presença nas respectivas paróquias. Todavia os Religiosos dos Conventos que rodeiam o Santuário estiveram para atender os fiéis que desejassem confessar-se.

Às 10 e meia, como últimamente se costuma fazer, rezou-se o terço em redor da Capelinha, seguindo-se a primeira procissão que levou a veneranda Imagem de Nossa Senhora para o cimo da escadaria da Basílica, onde se celebrou a Missa dos Doentes. Foi celebrante o Rev.º Sr. Cónego Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria e capelão da Prisão-Escola da mesma cidade.

Ao Evangelho pregou o Rev. P.º José Tarcísio, de nacionalidade brasileira, Religioso da Congregação do Verbo Divino. Escolhendo para tema da pregação o texto do Evangelho do dia, frisou que o motivo desse louvor que através dos séculos se eleva ao trono da Mãe de Deus, é a sua Fé. O próprio Jesus o declarou: «...Antes bem-aventurados os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática». Nossa Senhora é Bem-aventurada porque acreditou! Mas a Fé de Maria teve de passar pelo crisol

da provação antes de chegar às clari- dades eternas.

Foi notável a concorrência de doentes em mês tão frio e chuvoso. No registo do Posto Médico, onde prestaram serviços o Director do mesmo, Sr. Dr. José Maria Pereira Gens, e o distinto clínico de Coimbra Sr. Dr. Miguel Barata, inscreveram-se para a Bênção individual 81 enfermos. A Bênção foi-lhes dada pelo Celebrante da Missa oficial que, em seguida, a deu também a toda a multidão, cujo número se elevava a muitos milhares e se estendia em larga mancha escura pela imensa esplanada quase até ao Fontenário.

Novamente se organizou a procissão. Nesta, como na primeira, fizeram guarda de honra ao andar de Nossa Senhora cerca de 150 soldados de Artilharia 4, do quartel de Leiria. Acompanhados dos Alferes Srs. Virtuoso e Nascimento, estes soldados vieram em carros do exército até ao Santuário, onde tiveram nessa manhã a sua Missa privativa na Capela do Hospital, tendo-lhes explicado as cerimónias o Rev. Padre Francisco Vieira da Rosa, de Leiria, impulsionador desta romagem dos soldados aos pés de Nossa Senhora.

Também estavam largamente repre-

HOMENS DO MAR NA FÁTIMA

A procissão do «Adeus» chegava à Capelinha. O tempo tinha aliviado, com olheiradas de sol, mas o céu conservava-se àquela hora pardacento, e choviscava. Porém, na Fátima, o tempo, tempestuoso ou abrasador, não amedronta nem dispersa as multidões. Tinham terminado os actos oficiais da peregrinação mensal; ia agora realizar-se imediatamente uma cerimónia, muitas vezes repetida no mesmo lugar, mas que então se revestia de excepcional importância.

Conforme a imprensa diária noticiara, a frota bacalhoeira que vai brevemente

sentadas as Servitas, por terem efectuado aqui, de 9 a 13, o seu retiro espiritual, de que foi conferente o Rev.º Sr. Cónego António Freire, Assistente Nacional da Liga Católica Feminina.

Entre os peregrinos estiveram seis católicos alemães, vindo-se no grupo a Senhora Leo Wohleh, esposa do Ministro da Alemanha Ocidental em Lisboa, o qual nessa mesma manhã faleceu em Francfort em consequência de uma embolia.

O Rev.º Reitor do Santuário Sr. Cónego Amílcar Martins Fontes, que desde Dezembro do ano passado estivera na Inglaterra, regressou no dia 6 e nesta peregrinação era visto atendendo sollicitamente em toda a parte onde a sua presença fosse reclamada. O regresso do Senhor Reitor deu lugar a vivas manifestações de regozijo e estim. Dentro e fora do Santuário, congratulando-se todos por S. Rev.ª ter feito excelente viagem. Embora S. Rev.ª viajasse incógnito, a sua modestia foi muitas vezes posta à prova — sempre que transpirava a notícia de que aquele Sacerdote que parecia em passar despercebido, era o Reitor do grande Santuário de Nossa Senhora da Fátima. Substituiu-o durante a sua ausência, com muito zelo e dedicação, o Rev. Sr. Cónego Carlos de Azevedo, Administrador da «Voz da Fátima».

largar para os mares de Gronelândia, levará a bordo uma Imagem de Nossa Senhora que os pescadores oferecem aos habitantes de S. João da Terra Nova — cidade que durante a permanência da nossa frota nas águas geladas desses mares é para os portugueses porto de abrigo e de abastecimento.

O Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, deslocou-se propositadamente da sua cidade episcopal para vir benzer esta Imagem, que há-de ser entronizada na Catedral gótica de S. João da Terra Nova.

Para assistir ao acto vieram ao Santuário as entidades superiores das Corporações da Pesca e Indústria do Bacalhau: — Srs. Comandante Henrique Tenreiro, Delegado do Governo junto dos Organismos da Pesca; Eng. Hígino de Queiroz, Presidente da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau; Comandante Álvaro de Araújo, Director da Escola Profissional de Pesca; Comandante Tavares de Almeida, Chefé dos Serviços de Assistência no mar à frota bacalhoeira; Oficiais ligados à frota do bacalhau, Directores de Grémios, todos os Capitães e Oficiais da frota bacalhoeira, etc.. Dignaram-se estar presentes à cerimónia os representantes diplomáticos do Canadá em Lisboa — Srs. Lawrence Moore Cosgrave, Encarregado dos Negócios daquela Nação, e Michel Gauvin, Secretário da Legação, e o Sr. Sylvester I. Olson, da Embaixada dos Estados Unidos. O R. P.º Sylvain, Vigário da Ordem Dominicana em Portugal, representava o Sr. Arcebispo de S. João da Terra Nova.

Depois de pronunciar as fórmulas do ritual, o Senhor Bispo asperge a Imagem, que é coroada em seguida com a coroa que o Sr. Comandante Henrique Tenreiro apresentava numa salva ao venerando Prelado. S. Ex.ª Rev.ª delega no Capelão da frota bacalhoeira, Rev. P.º Sá Rosa, o honrosíssimo encargo de



VISITANTES RÉGIOS

Tranquilamente, sem despertar a mínima atenção, o Príncipe Alexandre da Jugoslávia e a Princesa Maria Pia de Sabóia, cujo recente casamento em Cascais constituiu um dos mais festejados acontecimentos mundanos dos últimos tempos em Portugal, visitaram o Santuário de Nossa Senhora da Fátima no dia 15 de Fevereiro.

Como quaisquer simples peregrinos, ajoelharam diante de Nossa Senhora na Capelinha das Aparições, diante do altar da Basílica e diante dos túmulos dos videntes Francisco e Jacinta.

A princesa falou com entusiasmo do grande órgão do Santuário, que estava a ser tocado durante a régia visita e que veio da sua Pátria, a Itália. O jovem par manifestou pena por não ter tempo naquele dia para uma visita a Aljustrel, ao local do nascimento dos Pastorinhos.

No dia 13 de Maio de 1947, depois da Missa dos doentes, o Senhor Arcebispo de Évora coroou na Cova da Iria a Imagem Peregrina de Nossa Senhora da Fátima que anda a percorrer a mundo. Recebeu a coroa de prata das mãos da Princesa Maria Pia de Sabóia, que se casou em Cascais no dia 12 de Fevereiro e veio visitar o Santuário no dia 15. Aqui a vemos nesta gravura, tendo a seu lado as Princesas Isabel de França e D. Mafalda de Bragança

Caminhos de Paz

ROMEIRO da felicidade, não pode o homem deixar de ser romeiro da paz, pois sem paz ninguém pode ser feliz. Por isso, ansiosamente a procura por toda a parte. Mas, porque a procura onde não existe, sempre a dúvida perturba o seu espírito e a angústia atormenta o seu coração

Doloroso é o espectáculo do mundo. Correm rios de sangue e amontoam-se ruínas trágicas em guerras apocalípticas, enquanto estadistas de todos os países se reúnem constantemente em luzidas conferências internacionais — tudo para realizar a paz, que foge sem cessar, como enganosa miragem.

Nas famílias, também com frequência inquietações amargas, que muitas vezes deflagram em dramas sem remédio. Em ambiente de gloriosas esperanças se criaram lares. Tempos decorridos, as grandes esperanças volveram-se em realidades negras. E são tantos, tantos, estes casos de divórcio de almas, que já não se ocultam aos olhos do mundo... Deliciadamente se alimentaram sonhos de amor e em breve surgiram abismos de indiferença, onde se acumularam incompreensões, revoltas e desesperos.

Em muitas almas, até no silêncio de claustros, nuvens de tédio e tempestades de tortura. Sob aparências frágeis ou corajosas, ocultam-se muitas vezes histórias tristes, regadas de sangue.

Mas então a paz é meta inacessível? Paz sem sombra só na posse definitiva de Deus se alcançará. É sempre agudamente actual a palavra de Santo Agostinho, depois de amargurada experiência de inteligência e de coração: Criaste-nos para Vós, Senhor, e a nossa alma estará inquieta, enquanto em Vós não repousar.

Mas já neste mundo se conseguirá paz relativa, quando a vida se orienta nos caminhos do Senhor. A agonia do mundo, das famílias e das almas provém da agonia da fé. Arroga-se o homem direitos soberanos por orgulho dementado e, entregue a si mesmo, encontra-se sem forças para vencer íntimas paixões e para dominar mil obstáculos do meio em que actua.

Profundamente humilde, veria os acontecimentos em luz muito diferente. Não suprime a humildade as dores do coração, não elimina os sobressaltos da sensibilidade, não torna mágicamente planos os caminhos acidentados e tortuosos que tem de percorrer. Mas, sem ambições, sem intrigas, sem deslealdades, sem aversões e sem ódios, aquele que só em Deus confia, aceita com serenidade e confiança os males de dentro e de fora, porque em tudo vê e sente a vontade do Senhor

Passam, perante o espírito, os grandes sofredores do Cristianismo — apóstolos, mártires, confesores, virgens, santas viúvas, almas fortes que nas labutas do mundo percorreram os caminhos da vida, empapados em sangue de sacrifício. A frente de todos, Nossa Senhora da Agonia, que é verdadeiramente Nossa Senhora da Paz. Desde que o velho Simeão Lhe anunciou a espada de dor que Lhe rasgaria o peito, e já nessa hora Lhe estava rasgando, sempre a preocupação da vida do Filho Lhe encheu a alma.

A palavra profética realizou-se em cada dia com fereza singular. Todavia, nunca a Senhora perdeu a soberana paz de espírito. Nem as horas cruas do Calvário conseguiram quebrantá-La. A sua vontade estava totalmente identificada com a vontade de Deus que permitia tão longo e doloroso martírio. Com apagar-se completamente, brilhava mala o esplendor da divindade.

Caminhos da Senhora, caminhos de serenidade, caminhos de paz, apesar de regados de sangue, serão também os nossos caminhos, se aprendermos de seu Filho a ser mansos e humildes de coração.

† MANUEL, Arcebispo de Milene

colocar a coroa na frente de Nossa Senhora.

Organizou-se imediatamente a comissão para a Basílica onde foi celebrada a Santa Missa. Trinta bandeiras da Junta Central das Casas dos Pescadores, do Grémio dos Armadores da Pesca do Bacalhau, da Escola Profissional de Pesca, etc., firmaram em duas alas com os 24 pescadores da Nazaré, Ílhavo e Figueira da Foz, havendo representações de todos os portos de pesca desde o Alto Minho a Vila Real de Santo António.

A chuva começou a cair em fortes bátegas. Não obstante o cortejo prosseguiu, na frente a Cruz ladeada de corais, incorporando-se nele todas as autoridades, sem faltar o venerando Prelado de Leiria que seguiu na sua cadeira de rodas entre as entidades em destaque. A Imagem seguia imediatamente num andor com rica e mimosa ornamentação de cravos brancos. Ao andor pegaram quatro homens do mar — dois veteranos e dois novatos na faina da pesca entre os gelos. Faziam guarda de honra ao andor de Nossa Senhora, empunhando lanternas, quatro armadores e quatro capitães da frota. E a fechar o cortejo uma «lança» de Legionários da Brigada Naval com seus uniformes de gala.

Na Basílica as autoridades ocuparam a capela-mor. A multidão encheu o templo até ao pórtico. A Missa foi celebrada pelo Capelão do «Gil Eanes» Rev. P.^o Sá Rosa, tendo por acólito o Sr. Vasco de Albuquerque d'Orey, Pre-

sidente do Conselho Geral do Grémio dos Armadores.

Ao Evangelho o Celebrante disse ser de grande regozijo aquela hora, em que se reuniam em torno da Mãe comum — uma festa de afecto — que ia partir para terras longínquas. Essa Imagem de Nossa Senhora da Fátima leva associado o nome de Portugal. Por isso é ainda festa de patriotismo — que se prolongará para além da hora em que a Imagem bendita for entronizada na Catedral de S. João da Terra Nova. Muitas Imagens de Nossa Senhora da Fátima têm sulcado os caminhos da terra, os mares e os ares. Nenhuma, porém, como esta, fora levada por homens do mar — rudes mas sábios. Eles contam com Nossa Senhora que invocam quando a bruma obscurece as águas tenebrosas do Oceano. E Ela protege-os! O vento amaina, ao temporal sucede a calma, e o mar desentranha-se em pesca — que é o seu pão. O pregador convidou os homens da frota a irem cada ano visitar esta Imagem, que vai ficar lá velando por eles e perpetuando ali o nome de Portugal.

Terminada a Santa Missa o povo cantou o «Adeus». E acenando os lenços, viu a Imagem junto da balaustrada, como que a despedir-se de todos, recuando depois lentamente para a sacristia. O povo seguiu-A. E os cravos brancos, arrancados um a um, foram levados para todos os recantos de Portugal por esses bravos devotos da Estrela do Mar.

BÊNÇÃO da 1.^a PEDRA da CASA de RETIROS B. NUNO

Ao terminarem as cerimónias da peregrinação mensal, os altifalantes anunciaram que ia proceder-se à bênção da primeira pedra para um novo Convento a construir na Fátima pelos Religiosos da Ordem Carmelita: — a Casa de Retiros do Beato Nuno de Santa Maria. Efectivamente o acto realizou-se com particular solenidade. Procedeu à bênção o Geral da Ordem Carmelita, Rev.^{mo} Padre Koliano Lynch, que viera propostamente de Roma para tal fim. Além do Comissário Provincial, Rev.^{mo} P.^o

Cirilo Allemand, estavam presentes os Comissários das Ordens Terceiras de Lisboa e Setúbal, o Superior, Director espiritual, Professores e alunos do Seminário Carmelitano da Falperra (Braga), Irmãs Carmelitas com os respectivos hábitos e numerosos amigos que quiseram associar-se ao acto que promete mais uma consoladora realidade junto do Santuário de Nossa Senhora da Fátima — a erecção de uma Casa de Retiros do Beato Nuno de Santa Maria.

VISCONDE DE MONTELO

NOTÍCIAS DO SANTUÁRIO

Retiros e Cursos de Formação da A. C.

Durante a semana do Carnaval, de 20 a 24 de Fevereiro, as duas Casas dos Retiros estiveram cheias de elementos da Acção Católica, na sua quase totalidade dirigentes do sexo feminino. Para a J. A. C. F. realizou-se um curso de formação, orientado pelo Rev. Assistente, P.^o Aurélio Granada Escudeiro, e pela Presidente geral, D. Hélia Barreto. Assistiram 42 raparigas.

A L. U. C. F. organizou um retiro com a participação de 24 senhoras universitárias, entre as quais a Presidente Geral Dr.^a D. Maria Luísa Van-Zeller. Pregou o retiro o Rev. Cônego José Galamba de Oliveira.

Para professoras de ensino primário realizou-se um retiro em que tomaram parte 35 senhoras, e do qual foi conferente

o Rev. Cônego António Freire, Assistente Geral da Liga Católica Feminina. O retiro foi organizado e orientado pela Direcção Geral da L. E. C. F.

O Sindicato de Profissionais do Serviço Social organizou igualmente nesta semana um retiro espiritual para Assistentes do Serviço Social, do qual foi conferente o Rev. P.^o Mário Correia, de Lisboa. Estiveram 28.

Também se realizou um curso de formação para elementos da Acção Católica de várias dioceses, com preleções do Rev. P.^o Aurélio Granada e P.^o José Agostinho Rodrigues.

A L. A. C. F. organizou um retiro para casais, com largo aproveitamento, sendo frequentado por cerca de 40 casais de várias dioceses. Alguns receberam em Fátima as bênçãos nupciais que ainda não tinham recebido.

VOZ DA FÁTIMA

Tiragem em Abril de 1955

Algarve	7.540
Angra	16.916
Aveiro	6.464
Beira	120
Beja	4.316
Braga	41.576
Bragança	4.867
Coimbra	10.094
Évora	4.602
Funchal	11.066
Guarda	8.966
Lamego	8.839
Leiria	6.916
Lisboa	21.787
Lourenço Marques	1.400
Portalegre	7.760
Porto	41.539
Vila Real	13.617
Viscu	6.094
	224.479
Estrangeiro	7.785
Diversos	9.666
	241.930

DESPEAS

Transporte	6.771.270\$82
Na administração de Janeiro a Março de 1955.	150\$00
Papel e impressão do n.º 390	31.450\$90
Franquias, embalagem e transporte do n.º 390	2.107\$05
	6.804.978\$77

Peregrinando por todo o Mundo, a pé

Esteve na Cova da Iria a Senhora Pauline Cormanne, belga, de 65 anos, que há 10 anda em peregrinação a pé por todo o mundo, pelas vocações religiosas e sacerdotais e pela Paz do Mundo. Esta senhora, foi a Roma por 3 vezes, e percorreu os santuários da Judeia e da Galileia, sempre a pé e sem quaisquer recursos. A viagem para a Fátima foi iniciada em Setembro de 1954, tendo passado por Santiago de Compostela.

Também estiveram no Santuário dois rapazes espanhóis, um de Valência e outro de Orense, que há dois anos peregrinam pelos vários santuários da Península, em cumprimento de uma promessa. Um deles, que é doente, vinha vestido com o hábito do Senhor dos Passos.

Prelados Estrangeiros

Estiveram no Santuário, Mons. José Rosenhammer, Vigário Apostólico de Chiquitos, na Bolívia, e D. Grégorio Gomez, O. S. B., Abade Beneditino na Austrália. Ambos rezaram missa na Capela das Aparições.

Também rezou missa no mesmo local o Rev. D. Narciso Garcia, C. M. F., Presidente da Sociedade Mariológica de Espanha, que há anos organizou o primeiro Congresso Mariológico Luso-Espanhol, na Fátima.

A IGREJA E NOSSA SENHORA

ENSINA S. Paulo que «Cristo é a cabeça do corpo da Igreja». Ver apenas a Igreja como sociedade, muito embora de origem divina, em que os membros estão unidos na unidade duma mesma Fé, é pôr-se à margem desta doutrina do Apóstolo. Entre os cristãos e Cristo uma união de vida se estabelece, que encontra termo de correspondência na unidade do corpo humano. Ele une-se a cada um de nós, como a cabeça aos membros do corpo para lhes transmitir o influxo vital que os conserva, os nutre e os dirige.

A luz desta sublime realidade compreende-se que a Virgem Santíssima ocupe na Igreja o primeiro lugar depois de Cristo. Ela gerou a cabeça — Cristo — e através desta liga-se a cada um dos membros e ao todo. Será ousadia dizer-se que, gerando Cristo, a Virgem gerou a Igreja, corpo místico deste mesmo Cristo?

Mãe de Cristo, Ela é, por isso mesmo, mãe da Igreja. A vida da Igreja não pode ser-Lhe estranha. É a vida do seu próprio Filho. Se a Igreja cresce, em santidade ou em número, Maria regozija-se como, na casa de Nazaré, se alegrava ao ver crescer Jesus. Se a Igreja é perseguida, Ela repetirá, para a defender, o gesto da noite em que fugiu, com o Filho perseguido, para o Egipto. Se a Igreja sofre, vem postar-se junto dela, a sofrer com ela, como outrora no Calvário. Se a Igreja triunfa, renova-se para Ela a alegria da manhã da Ressurreição. Na vida da Igreja cabe-Lhe o lugar que as mães têm na vida dos filhos.

Não foi por mera casualidade que Nossa Senhora se encontrou no Cenáculo quando o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos. A Igreja, que Jesus preparou em três anos de esforço apostólico, ia nascer na riqueza dos dons do Espírito Santo, que confirmava e completava a obra do Fundador. Era o corpo místico do Filho que atingia a sua plenitude. Ela não podia estar ausente. E naquela hora, precedida das dores do Calvário, a Senhora terá experimentado alegria idêntica à do presépio de Belém. Jesus renascia no seu corpo místico.

Não fala o Evangelho da actuação de Maria na expansão da Igreja nos tempos apostólicos. Tal silêncio, porém, poderá ser suprido, sem perigo de arbitrariedade, por uma suposição suficientemente fundamentada. Com vivo interesse, terá certamente seguido os trabalhos dos primeiros Apóstolos, e, com maternal emoção, receberia as informações sobre o progresso da Igreja. Era o corpo místico de seu Filho que crescia, que se dilatava, que se robustecia. E ainda hoje é assim, que o tempo não conta para o coração das mães.

Ao apostolado do nosso tempo — seja de sacerdotes seja de leigos — está ligada a Virgem Maria, já que o apostolado não procura outra coisa senão dilatar o corpo místico do seu Filho. Assim se compreende que nas horas difíceis da sua vida ou nos momentos das grandes tarefas apostólicas, a Igreja se ponha sob a protecção de Nossa Senhora. É a atitude espontânea de quem reconhece nela a mãe da Igreja e a rainha dos Apóstolos.

NARCISO RODRIGUES

Graças de Nossa Senhora da Fátima

EVITOU A OPERAÇÃO

D. M. Ilda Catalão Espiga, Covilhã, escreve: «Estando meu sobrinho gravemente doente e na iminência de ser operado à cabeça, pedi a Nossa Senhora e a S. José que nos alcançassem a graça de a intervenção cirúrgica ser evitada. No dia marcado para dar entrada no Hospital, mandou o médico tirar nova radiografia; verificando melhoras, não o operou. Venho, pois, como prometi, tornar público este grande favor da Mãe do Céu».

AGRADECEM A NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

D. Maria da Glória Neto, Freamunde; D. Maria Leopoldina Melo Santos, Ponta Delgada; D. Maria Regina Bettencourt da Câmara S. Pereira, Funchal; D. Emília Bezerra Pires, Cedros; D. Cristina Dias Correia, Espinho; José António Rodrigues, Santo Eugénio; D. Guilhermina da Silva Ferreira, Campo Maior; D. Maria da Conceição da Fonseca, Portalegre; D. Isabel Aurora Oliveira Macedo, Ribeira Seca, S. Jorge; D. Maria Irene de Mariz Roseira, Carraceda de Anciães; Manuel de Oliveira, Alqueidão, V. N. de Ourém; Josefina Pulizzi, Brooklyn, Estados Unidos; D. Ana Mota; D. Maria do Céu Nunes, Faial; D. Maria Rosa Soares; D. Rosa Valente de Oliveira, Valega, Ovar; D. Pura e D. Maria José Viana, Macieira de Cambra.

D. Laura Soares Summavielle, Fafe; Amândio Fernandes, S. João da Cova Vieira do Minho; D. Maria Luísa Drumont Pires, Funchal; D. Maria da Paz Cosme, Ponta Delgada; D. Maria Bettencourt da Silveira, S. Jorge, Açores; D. Maria Natália Baptista, D. Ema dos Santos Costa e D. Ambrosina dos Reis Faria, Bretanha, Açores; D. Maria Regina B. Sarsfield Pereira, Funchal; D. Helena da Fonseca, Cigarrosa, Vila Real; D. Alzira Gonçalves, Fohadela, Vila Real; António Ferreira de Carvalho, Torre do Pinhão; Rev. Pároco de Anta, Sabrosa; Augusto Gouveia, Vila Real; D. Teresa, Vila Real; D. Rosa Dinis Vieira Sarabanda, Aveiro; D. Maria Flora Rodrigues, Humpata, Sá da Bandeira; D. Maria José Lopes, Alcains; D. Judite Andrade Gomes de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar; D. Francisca Andrade Gomes, ib.; D. Estefânia Vieira de Aguiar, Lisboa; D. Maria José Pereira Raposo, S. Miguel, Açores; D. Armandina Fernandes Pereira, Armamar; José da Silva Ribeiro, Oliveira de Azemeis; David Lopes Paixão, Pé de Cão; D. Maria da Conceição B. Mendonça, Estoi; D. Maria Emília de Matos Caldeira, Tancos.

I Congresso Nacional da J. O. C. Portuguesa

Ao mesmo tempo que comemoram o XX Aniversário da sua fundação, as Direcções Gerais da J. O. C. / J. O. C. F. realizam, neste mês de Abril, o seu I Congresso Nacional.

O programa consta, essencialmente, de uma Semana de Estudos e de uma Peregrinação Nacional da juventude trabalhadora à Fátima.

A Semana de Estudos realizar-se-á no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, nos dias 12 a 15 e destina-se a mil dirigentes e militantes da Metrópole e do Ultramar.

A Peregrinação Nacional será nos dias 16 e 17. De todos os pontos do País, milhares de jovens trabalhadores e de jovens trabalhadoras virão à Fátima pedir:

- A recristianização dos lares operários;
- O reinado da justiça social;
- A libertação da juventude trabalhadora;
- A união dos jovens trabalhadores de todo o mundo.

TAXA MILITAR

Durante os meses de Abril a Maio deste ano, o decorre prazo normal para pagamento voluntário das anuidades respeitantes aos anos de 1954 e 1955.

Mensagem de Amor

I—Maria e a Mensagem de Deus (3)

DISSEMOS que Maria vem de tempos a tempos conversar conosco, para fazer chegar aos nossos ouvidos e aos nossos corações a voz de Deus. Sim, porque hoje como ontem, a parte que Ela tem na Mensagem de Deus é a de ser um eco: verdadeiro propiciatório de ouro puríssimo, que faz ressoar a palavra do Verbo Encarnado, e nos reenvia os ensinamentos do Evangelho.

É por isso que a Mensagem da Mãe de Deus não acrescenta nada — nem pode acrescentar — à Mensagem do Filho.

Com efeito, que nos diz Nossa Senhora, quando nos vem visitar?

Visitas frequentes... um pouco por toda a parte.

Seriam precisos volumes para enumerar os lugares favorecidos pela sua presença e para contar, mesmo resumidamente, a história maravilhosa das suas múltiplas manifestações através dos séculos.

Não há nação que se não glorie de ter santuários que lembram e guardam o sinal dos seus passos, santuários que são zelosamente defendidos com veneração e amor.

A França tem sido neste ponto, incontestavelmente, um dos países mais privilegiados. Sobretudo de há um século a esta parte, tem recebido mensagens sobre mensagens e todas com uma repercussão cada vez maior. Dir-se-ia que o seu Coração cheio de preocupações segue os progressos do mal e, multiplicando as diligências, tenta o impossível para reconduzir ao redil os desgraçados que dele se vão afastando.

Senão vejamos. Que diz a Senhora em Lourdes a Bernadette, com o seu olhar triste perdido na imensidade? — *Rezai pelos pecadores.*

Em Pallevoisin, vinte anos depois: — *Vim principalmente para a conversão dos pecadores.*

E já em La Salette, em 1846, ao deixar antever o castigo próximo, era a sua compaixão pelos pecadores que Ela nos mostrava, nas palavras e sobretudo nas lágrimas.

E em Paris, na rua do Bac, com a Medalha milagrosa? E em Nossa Senhora das Vitórias? E em Pontmain?

Os pecadores! Sempre os pecadores! Estribilho, poderia dizer-se, das Aparições e das Mensagens de Nossa Senhora. Cada uma destas apresenta, sem dúvida, um carácter próprio; outros elementos intervêm, que dão a cada uma o seu aspecto particular e justificam cada nova intervenção. No entanto, o que a Santíssima Virgem quer, o que Ela vem procurar acima de tudo, quando desce ao meio dos homens, é a glória de Deus pela salvação das almas.

E Fátima, a Lourdes portuguesa, não faz excepção a esta regra.

Pode até adiantar-se, sem receio de contradita, que, sob este aspecto, Fátima ultrapassa tudo o que precede, tanto aqui se afirma a solicitude de Maria pelos pecadores. Vê-lo-emos a seguir.

FR. ESTANISLAU DU CHAMBOÏN-FEUGEROLLES, O. F. M. CAP.

CRÓNICA FINANCEIRA

As abundantes chuvas de Janeiro, Fevereiro e Março, e o muito frio de alguns dias deste último mês, alarmaram muita gente e alguns estragos fizeram já na agricultura. A verdade, porém, é que ainda no princípio deste século, o inverno começava em Novembro, quando não aparecia já em Outubro, e acabava em Maio, com muitos dias de chuva em Junho e até em Julho, por vezes. O uso das galochas e das botas altas de borracha era corrente no inverno e deve ter acabado pouco depois da Primeira Grande Guerra. E não era só no Minho que o inverno era assim rigoroso. A Rainha Dona Estefânia, em carta escrita a sua mãe pelos fins de Setembro do ano em que casou, dizia-lhe que estava a preparar as malas para regressar a Lisboa (estava então em Mafra), porque lhe constava que logo em Outubro começavam as chuvas do Outono e por vezes sucedia chover oito dias seguidos sem parar. Quando éramos pequeno sucedia isto muitas vezes pelo inverno fora, e ninguém estranhava. Por vezes escurecia tanto de dia, que era preciso acender a luz, até na aldeia. O gado sofria nas cortes, porque era impossível ir apanhar comida fresca para ele, nem levá-lo a pastar. Era assim o inverno dantes, e por esta amostra se vê que pode voltar à mesma.

O caso é que bastou constar que o frio fizera estragos nos vinhedos do Sul, para o vinho começar a subir e a ter procura... Como na ocasião aqui dissemos, a procura dos vinhos verdes pelos armazenistas do Porto começou ainda antes das vindimas: compravam o vinho ainda nas la-

tadas. Agora parece que é geral a procura e a alta. Quem puder esperar, ganhará com a demora.

Segundo a folha agrícola do I. N. E., de 28 de Fevereiro passado, as cearas em alguns sítios sofreram com a invernia estragos irreparáveis, infelizmente. Não quer isto dizer, todavia, que o ano esteja a correr mal para o país considerado na sua totalidade. Raras vezes a chuva peca por excesso. Disse-nos um dia com graça e finura um velho lavrador: o sol, esse anda sempre; a chuva, não.

Diz também a folha agrícola que o gado está a subir porque tem tido muita procura, e dizem que em alguns sítios há falta de vitelas para abater, o que pode ser sinal de os lavradores estarem a desfazer-se do gado velho para criar do novo.

Antigamente, no Minho pelo menos, e talvez em todo o Norte, o gado aos seis anos era engordado e vendido para o açougue. Este é que era o bom costume. O gado começava a trabalhar aos três anos e continuava a crescer (a criar osso, como se dizia) até aos seis. Neste período dava dois rendimentos — carne e trabalho; e aumentava de valor de ano para ano. O lavrador comprava hoje e já sabia que passados meses podia vender com lucro. Esta Segunda Grande Guerra veio alterar tudo com os tabelamentos e outros artificios da política chamada económica, mas que raras vezes merece esse nome. Pode ser que este rarear das vitelas no mercado seja sinal de que vai suceder ao gado o mesmo que está a suceder ao tempo — voltar ao antigo.

PACHECO DE AMORIM

CONVERSANDO

A Ciência ao serviço da Fé

De 9 a 13 do mês findo, funcionou em Braga, com brilhante e seguro êxito, o 1.º Congresso Nacional de Filosofia, preparado e organizado pela Pontifícia Faculdade de Filosofia de Braga, tendo a colaboração e a presença de sábios, dos mais eminentes na especialidade, vindos de diversas Universidades e Escolas Superiores da Europa e da América.

Pelo que foi manifestado, e se vê já, o Congresso propôs-se recuperar e melhorar, com firme decisão, as tradições dos estudos filosóficos em Portugal, de cunho acentuadamente humano e por isso também profundamente cristão, em que se enquadrava, com especial relevo, o célebre «Curso Conimbricense», a que pontificou, no seu tempo, o Dr. Pedro da Fonseca.

E pode agora francamente dizer-se que o Congresso assim o fez com inteira oportunidade de circunstâncias, para a sua maior eficácia, atraindo o interesse dos meios científicos — nacionais e estrangeiros — de reconhecida autoridade.

Estamos numa época crítica de excepcional acume, em que o Comunismo Soviético arrasta, por toda a parte o largo estendal da sua Filosofia de grosseiro materialismo, de todo desprendido do espírito, sobre a martirizada natureza humana, desfigurando-a e pondo-a em condições piores que a de simples animalidade, quando, não obstante, essa mesma natureza é a única que tem a reluzir-lhe na frente a dominadora fulguração do espírito!

Cientificamente tem-se como certo que não é de admitir uma Filosofia que não tenha por objecto o homem considerado no seu conjunto de corpo e alma. E, com efeito, para que poderia servir, se de outra maneira fosse, senão para mais desgraças e desordens sociais?

A Filosofia do Comunismo Soviético, porém, não conhece do composto humano senão o que nele há de material, rejeitando absolutamente tudo o que seja ou lembre espiritualidade.

Tão estranha Filosofia resulta, outrossim, em grande parte, dum estado de alma entranhadamente concentrado por más inclinações (que as há em toda a natureza humana), sobretudo quando se abafam ou recortam as raízes do bem que aí também nascem e germinam.

Acréscce, para mais, que a Filosofia, — pela sua função de relação entre todas as Ciências com o objectivo humano que lhes é comum — torna-se, por isso mesmo, a mais abstracta, a mais difícil de metodizar, e a mais susceptível de cair no vago e de dela principalmente se abusar.

O Comunismo Soviético é o exemplo mais vivo e extraordinário de um abuso desta espécie.

Chega ao extremo da inimizade com a própria natureza humana; arranca a finalidade dos ideais criados pelo espírito; explora uma economia que provoca imenso de fome e de servidão; e diz-se tudo, dizendo que, em ódio a Deus, persegue violentamente todas as religiões, especialmente a Igreja Católica.

Em boa hora, pois, funcionou o 1.º Congresso Nacional de Filosofia de Braga, deixando atrás de si um animador rasto de luz, seguido da votação unânime de novas instituições destinadas a dar, com persistência, aos estudos filosóficos em Portugal, a importância social que lhes é devida, em face da Filosofia Soviética, que urge desmascarar, para que cessem duma vez para sempre os seus nefastos efeitos em todo o mundo.

O conceito de Filosofia do Congresso moveu-se, ao que parece, dentro deste âmbito informativo:

— A função de recolher e ponderar as verdades apuráveis de todas as Ciências, nas suas recíprocas relações e segundo critérios de aceitabilidade lógicamente generalizadas, dispondo-as ao serviço do complexo humano de corpo e alma, na sua unidade natural, quanto ao tempo e no espaço.

Sempre nesta conformidade é que se organiza a paz e se faz a felicidade na vida.

A. LINS NETTO

As Aparições da Fátima

A «Senhora das Lágrimas» de Siracusa

TERCEIRA APARIÇÃO DO ANJO

A terceira Aparição parece-me que devia ter sido em Outubro ou fins de Setembro, porque já não fomos passar as horas da sesta a casa.

... Passámos da Pregueira (é um pequeno olival pertencente a meus pais) para a Lapa, dando a volta à encosta do monte pelo lado de Aljustrel e Casa Velha. Rezámos aí o nosso terço e a oração que na primeira Aparição nos tinha ensinado.

Estando pois aí, apareceu-nos pela terceira vez, trazendo na mão um cálice e sobre ele uma hóstia, da qual caíam dentro do cálice algumas gotas de sangue. Deixando o cálice e a hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração: SANTÍSSIMA TRINDADE, PAI, FILHO E ESPÍRITO SANTO, ADORO-VOS PROFUNDAMENTE E OFEREÇO-VOS O PRECIOSÍSSIMO CORPO, SANGUE, ALMA E DIVINDADE DE JESUS CRISTO, PRESENTE EM TODOS OS SACRÁRIOS DA TERRA, EM REPARAÇÃO DOS ULTRAJES, SACRILÉGIOS E INDIFERENÇAS COM QUE ELE MESMO É OFENDIDO, E PELOS MÉRITOS INFINITOS DO SEU SANTÍSSIMO CORAÇÃO E DO CORAÇÃO IMACULADO DE MARIA, PEÇO-VOS A CONVERSÃO DOS POBRES PECADORES.

Depois, levantou-se, tomou de novo o cálice e a hóstia e deu-me a hóstia a mim e o que continha o

cálice deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo ao mesmo tempo:

— *Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparaí os seus crimes e consolai o vosso Deus*

De novo se prostrou em terra e repetiu conosco mais três vezes a mesma oração: SANTÍSSIMA TRINDADE, etc., e desapareceu.

Levados pela força do sobrenatural que nos envolvia, imitávamos o Anjo em tudo, isto é, prostrando-nos como Ele e repetindo as orações que Ele dizia. A força da presença de Deus era tão intensa, que nos absorvia e aniquilava quase por completo. Parecia privar-nos até do uso dos sentidos corporais por um grande espaço de tempo. Nesses dias fazíamos as acções materiais como que levados por esse mesmo sobrenatural que a isso nos impelia. A paz e felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima, completamente concentrada a alma em Deus. O abatimento físico que nos prostrava também era grande.

Não sei porquê, as Aparições de Nossa Senhora produziam em nós efeitos bem diferentes. A mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade. Mas em vez desse abatimento físico, uma certa habilidade expansiva; em vez desse aniquilamento na Divina presença, um exultar de alegria; em vez dessa dificuldade de falar, um certo entusiasmo comunicativo.

Em Siracusa, na Sicília, nos dias 29, 30 e 31 de Agosto e 1 de Setembro de 1953, um baixo-relevo do Imaculado Coração de Maria, feito de barro vulgar, chorou repetidas vezes.

O Arcebispo da cidade, Mons. Baranzini, não só assistiu a esses fenómenos de aparentemente milagre das lágrimas, mas sentiu-as correr em suas mãos. E teve, depois, de meter dentro de certos limites essa onda de veneração pela imagem que chorava, até ao momento em que os exames científicos e eclesástico tiveram admitida a autenticidade do curioso fenómeno.

Os Bispos da Sicília, reunidos sob a presidência do Emmo. Cardeal Ruffini, Arcebispo de Palermo, estudaram atenta e longamente os relatórios daquele facto prodigioso. E chegaram à conclusão de que não pode pôr-se em dúvida a sua realidade.

Já depois disso, o Emmo. Cardeal Ruffini, rodeado de todos os Bispos da Sicília, de alguns representantes do Governo e de grande multidão de povo, benzeu e colocou, com a maior solenidade, a primeira pedra de uma igreja em honra de «Nossa Senhora das Lágrimas» em Siracusa.

Sua Santidade Pio XII referiu-se ao facto, numa sua alocução recente, radio-difundida, para os católicos da Sicília.

FRANCISCO

JACINTA



GRAÇAS DO SERVO DE DEUS

D. Teresa Caldeira da Silva, Arcosa, tem a sua filha acabado um curso, havia mais de dois anos, e encontrando-se sem colocação, recorreu ao Servo de Deus, Francisco Marto. Passado um mês, teve a alegria de ver sua filha empregada. Em acção de graças, ofereceu 100\$00 para a beatificação do Servo de Deus.

D. Sara Ivens Ferraz Maia, Lisboa, escreve: «A 7 de Abril de 1951, minha filha foi operada à espinha; seguiu-se uma grande infecção, voltando a ser operada em 14 de Janeiro de 1952. Passados dias, a cicatriz abriu de novo; note-se, porém, que ela não chegou nunca a fechar desde a primeira operação, salvo nos 4 ou 5 dias após esta.

Tratada por um dos melhores especialistas, empregados todos os meios humanos oferecidos pela medicina, não era possível obter a cicatrização... Foi então que me resolvi a recorrer ao Francisco Marto, principiando uma novena em 13 de Maio de 1952. Em 17 do mesmo mês, pedi as orações das Carmelitas de Coimbra, pela mesma intenção. No dia 19, o médico, sem saber da minha novena, ao levantar o penso disse: «Temos de ir os dois a Fátima! Está muito melhor... isto não é meu...» No dia 21, chega carta das Carmelitas a dizer que toda a Comunidade rezava por minha filha. No dia 23, chega o médico, encontra a ferida completamente fechada! Passou-lhe a mão por cima e... pôs-lhe talco. Falou outra vez em ir à Fátima...

No dia 30 de Maio, o penso foi tirado outra vez. A ferida estava perfeitamente cicatrizada! Graças, meu Deus!

Porque considero isto uma grande graça que atribuo à intercessão do Francisco, venho cumprir a minha promessa, pedindo para ser publicado. Devo dizer que o caso era verdadeiramente para desesperar, porque a cicatrização da ferida, de tal modo era renitente, que os médicos se espantavam».

Enquanto do sol avistava algum raio, não investigava se havia alguma *candeia* acesa.

— *Nenhuma candeia é tão bonita como a de Nosso Senhor (o Sol), dizia ele à Jacinta, que gostava mais da de Nossa Senhora (a Lua), porque, dizia ela, «não faz doer a vista».*

E, entusiasmado, seguia com a vista todos os raios que, dardejando nos vidros das casas das aldeias vizinhas, ou nas gotas de água espalhadas nas árvores e matos da serra, faziam brilhar como outras tantas estrelas, a seu ver mil vezes mais bonitas que as dos Anjos (*as Estrelas*).

Quando com tanta insistência pediu à mãe que o deixasse ir com o seu rebanho, para andar comigo, era mais para fazer a vontade à Jacinta, que gostava mais dele que de seu irmão João. Um dia que a mãe, já pouco contente, lhe negava esta licença, respondeu com a sua paz natural:

— *A mim, minha mãe, pouco me importa. A Jacinta é que quer que eu vá*

Noutra ocasião (...) minha tia tinha decidido que, por estar de chuva, ia o João; mas o Francisco quis ir ainda junto da mãe fazer uma nova insistência. Ao receber um não seco e sacudido, respondeu:

— *A mim tanto se me dá; a Jacinta é que tem mais pena.*

Agradecem graças e enviam esmolas:

D. Arminda Pereira da Costa, Porto, 40\$00; Adriano da Costa Júnior, Porto, 50\$00; D. Inácia Vieira dos Reis, Lagoa, 20\$00; D. Natalina Pinto, Vale de Santarém, 20\$00; D. Clotilde Pinheiro Canavarro, Pedras Salgadas, 100\$00; D. Maria de Campos Leonardo, Fall River, 1 dólar; D. Noémia Pereira Dias dos Reis, Peneda, 100\$00; Agostinho de Carvalho e Esposa, Paços de Brandão, 100\$00; P. Virgílio Lopes Tavares, Santa Maria, 70\$00; D. Olimpia de Jesus, Vila Real, 20\$00; D. Maria José Gouveia, Vila Real, 30\$00; Alberto Valente da Silva, S. João da Madeira, 50\$00; Carolina Valente da Silva, ib., 50\$00; Do Carmelo de Coimbra, 130\$00; Vários devotos, por intermédio do Rev. P. Cândido Botelho Falcão, Cinco Ribeiras, Açores, 200\$00; Vários devotos, por intermédio do Rev. P. José Silvestre Machado, Horta, Faial, 245\$00; José Henriques de Abreu, Porto, 50\$00;

Nas horas da sesta, minha mãe dava a seus filhos a sua lição de doutrina, principalmente quando se aproximava a Quaresma, porque, dizia, «não quero ficar envergonhada, quando o Senhor Prior perguntar a doutrina na desobriga». Então todas aquelas crianças assistiam à nossa lição de catecismo.

A Jacinta lá estava também. Um dia, um desses pequenos acusou outro de ter dito algumas palavras pouco decentes. Minha mãe repreendeu-o com toda a severidade, dizendo que aquelas coisas feias não se diziam, que era pecado e que o Menino Jesus se desgostava e mandava para o inferno os que faziam pecados, se não se confessavam.

A pequenina não esqueceu a lição. No primeiro dia que encontrou a dita reunião de crianças, disse:

— *Hoje a tua mãe não te deixa ir?*

— *Não.*

— *Então eu vou para o meu pátio com o Francisco. — E porque não ficas aqui?*

— *Minha mãe não quer que, quando estiverem estes, aqui fiquemos. Disse que fôssemos para o nosso pátio brincar. Não quer que aprenda essas coisas feias que são pecados, e dos que o Menino Jesus não gosta. Depois disse-me baixinho ao ouvido: Se tua mãe te deixar, vens cá ter a minha casa, sim? Então vai a pedir-lhe.*

E tomando a mão do irmão, lá foi para sua casa.

(Das «Memórias» da Irmã Lúcia)

GRAÇAS DA SERVA DE DEUS



D. Maria do Rosário da Costa Martins Moreira, Coimbra, escreve: «António Malcata Julião, estudante de Letras e componente do Orfeão Académico de Coimbra, na recente viagem ao Brasil, adoeceu gravemente a bordo do Paquete «Santa Maria», à saída do porto do Recife. Foi operado, em pleno mar alto, numa apendicite supurada, pelo médico cirurgião, Dr. Henrique Meleiro de Sousa. Salvou-se, e, três dias depois, pôde ser levado para S. Paulo e internado na Beneficência Portuguesa, ao cuidado dum dos seus melhores médicos, Dr. Jaime Rodrigues. Ali, porém, os padecimentos agravaram-se, e, dia a dia, piorava.

A 13 de Setembro, profundamente alarmada, escrevi para o Carmelo de Coimbra, suplicando à Rev.ª Madre Priora minha prima, as orações daquela Comunidade para que o doente pudesse regressar connosco a 28, data marcada. No dia seguinte contei ao doente, o que o encheu de alegria; dei-lhe uma estampa com a novena da Jacinta, que ele nunca mais deixou de rezar. Subitamente o médico resolveu intervir, e a 16, às 9 h. e 1/2 da manhã, era feita nova operação, considerada gravíssima, pelos nove médicos que assistiam. Durou 2 h. e 1/2, e ao acabá-la disse o operador: «Confio em que Nossa Senhora da Fátima o salvará, mas convosco não pode ir; faltam só doze dias, é absolutamente impossível». No dia 22, a febre deixou-o, e a 28 foi autorizado a embarcar! No porto de Santos, porém, o médico de bordo queria recusar-se a recebê-lo; considerava-o em estado grave, sendo uma temeridade emprender tão longa viagem. De repente, resolveu-se a deixá-lo ir, com a condição de o desembarcar no Rio de Janeiro. Apesar dos obstáculos, dali seguiu ainda, mas com desejo de o deixar no Recife. Foi uma luta! Tudo, porém, se desfez e veio connosco. Saíu há quinze dias do Hospital da Universidade de Coimbra, completamente curado».